

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

MEUS ENCONTROS COM PAULO FREIRE



Barbara Freitag
República Ceca

Quando um turista brasileiro em Praga comentou a morte de Paulo Freire, olhei-o perplexa. Não pode ser! Certamente quis dizer Darcy Ribeiro ou Antonio Callado?!

Lamentavelmente não se tratava de um OU-OU e sim de um E-E. Além do romancista e do senador, o Brasil acabara de perder um dos seus maiores pedagogos: Paulo Freire!

Todos nós que estudamos e propagamos a *Educação como Prática da Liberdade* (1969), a *Pedagogia do Oprimido* (1970) e tantos outros livros e ensaios do grande alfabetizador de adultos, ficamos consternados, inconsoláveis, de luto. Esse sentimento de perda não se restringe aos pedagogos brasileiros. A obra de Paulo Freire é conhecida no mundo inteiro, e a notícia do falecimento do autor atingirá amigos e admiradores também fora das fronteiras brasileiras.

Falo com conhecimento de causa. Li os primeiros trabalhos de Paulo Freire em alemão, em traduções e publicações clandestinas, já que no Brasil a obra do autor tinha sido proibida pela ditadura militar (1964-1985). Na ocasião, Paulo Freire vivia refugiado na Suíça, em Genebra, realizando um admirável trabalho de alfabe-

tização de adultos na África e na América Latina. Seus livros, traduzidos para todas as línguas de cultura, também circulavam entre os assistentes sociais na Alemanha que usavam o "método Paulo Freire" para "conscientizar" os "oprimidos". Estes não eram – para o caso alemão – analfabetos propriamente ditos, mas eram os sem-teto, os sem-trabalho, os refugiados (dos países do Leste) e os exilados políticos de vários países.

Conheci Paulo Freire pessoalmente em 1972, em Berlim, durante um colóquio organizado pelo Institut für internationale Solidarität (Instituto de Solidariedade Internacional – Tegel). Eu tinha acabado de defender minha tese de doutorado sobre a política educacional brasileira (na universidade Técnica de Berlim), em que dedicava um capítulo inteiro ao analfabetismo no Brasil e às várias tentativas de combatê-lo (dentre outras, a de Paulo Freire). Obviamente, estava ansiosa por conhecer o grande pedagogo e defensor dos direitos políticos e culturais dos analfabetos.

Quando lhe fui apresentada, expressando-lhe minha enorme admiração pela penetração que obtivera no mundo com sua "teoria e prática da conscientização", sorriu humildemente. "Não sou mais que o sabonete dos poderosos deste mundo! Deixam-me agir, enquanto não ameaço as bases de seu poder!" Precisei de algum tempo para entender a gravidade e a implicação dessa frase.

Não sou mais que o sabonete dos poderosos deste mundo! Deixam-me agir, enquanto não ameaço as bases de seu poder.

(Paulo Freire)

Sua 'obra de vida seria' (foi) perpetuada com estátua (tamanho natural), ao lado de Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Makkarenko, dentre outros.

Sua atuação no Brasil na década de 60 tinha efetivamente ameaçado as bases do poder militar, obrigando Paulo Freire a deixar o Brasil. Ele teria toda a liberdade de expressão na Alemanha democrática, desde que comentasse a questão da "conscientização" na África, América e Ásia, sem intrometer-se nos assim chamados assuntos internos do país anfitrião, a saber: a exclusão dos "despossuídos" (de teto, trabalho, direitos civis) e oprimidos locais. Nunca me esqueci desse primeiro encontro e da grande lição dada pelo mestre.

Meu "último encontro" com Paulo Freire ocorreu na Dinamarca, quinze anos depois. Aconteceu, precisamente, em 23 de setembro de 1987. Paulo Freire e Moacyr Gadotti encontravam-se de passagem por Copenhague. Voltavam de Estocolmo, onde o pedagogo e alfabetizador brasileiro fora receber um prêmio do governo sueco, em homenagem a seu trabalho. Sua "obra de vida" seria perpetuada com uma estátua (tamanho natural), ao lado de Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Makkarenko, dentre outros. De passagem por Copenhague, aceitara um debate na Faculdade de Pedagogia dessa cidade. No final do debate, fui render-lhe minhas homenagens e o convidei para o jantar com sua pequena comitiva. "Se tiver bife, arroz e feijão, aceito!" É claro que teve! Saboreou a comidinha caseira preparada por "Maria", uma cozinheira brasileira que me acompanhou para a Dinamarca.

Pedi-me para chamá-la e agradecer-lhe pessoalmente. Fazia semanas que não comia "direito", pois não conseguia acostumar-se aos

pratos escandinavos, geralmente baseados em peixe (muitas vezes cru, i.é., marinado). Detalhe: "Maria" era uma analfabeta que tinha abandonado o Mobral, o programa de alfabetização do governo militar.

Aqueles que conhecem o meu *Diário de uma Alfabetizadora* (1988, 1992) compreenderão a excepcionalidade da situação: "Maria" acabara de provar ao mestre (sem sabê-lo) que ele sempre defendera a tese certa: analfabetos também têm cultura, mesmo não sabendo ler e escrever, a tese central de *Educação para a Liberdade*. "Maria" tinha demonstrado, naquela ocasião, sua cultura culinária. Hoje de volta ao Brasil, ela também tem conhecimento da leitura e da escrita.

Será que "Maria" leu no jornal a notícia da morte de Paulo Freire? Será que se lembrou (em caso afirmativo) de nossa aula do dia 24/9/87, em que lhe expliquei a vida e a obra do grande pedagogo? Na ocasião, ela comentara: "Acho superbonito esse trabalho"! Hoje talvez comentaria: "Acho supertriste que tenha morrido! Que Deus o abençoe!"

Em 1994 convidei Paulo Freire (a partir de Berlim) a relatar sua experiência diante da Secretaria de Educação do Município de São Paulo, no governo Erundina. Preferiu delegar esse trabalho ao seu grande companheiro de batalhas pedagógicas, Moacyr Gadotti, que transcreveu para o *Anuário de Educação 1994* a última grande experiência pedagógica de Paulo Freire, na teoria e na prática.

Para todos aqueles que querem mais que impressões subjetivas de encontros fortuitos com Paulo Freire, recomendo a leitura do livro editado por Gadotti: *Paulo Freire: Uma Biobibliografia*, publicada pelo Instituto Paulo Freire de São Paulo em cooperação com a Editora Cortez, São Paulo, 1996.

Praga, 20 de junho de 1997.

Bárbara Freitag é doutora em Sociologia, professora titular da UB, Privat – Dozent da Universidade livre de Berlim; autora de vários livros sobre educação e sociologia.